

Site: www.nominuto.com

Cidades

http://www.nominuto.com/cidades/miguel_nicolelis_o_brasil_precisa_de_um_pac_humano_/12954/

Enviada em 05/01/2008 às 15h16min

Nicolelis: "O Brasil precisa de um Programa de Aceleração do Crescimento Humano"

Cientista considera que mais importante do que qualquer porto ou rodovia, o país precisa formar gente, pessoas que queiram transformar o Brasil.

Por **Karla Larissa**

Vlademir Alexandre



Nicolelis: "Eu acredito que o maior investimento que o Brasil precisa fazer é na formação de gente"

Miguel Angelo Laporta Nicolelis, 46 anos, é responsável por uma das mais importantes descobertas da ciência recente, que pode ser a esperança de pessoas com deficiência física ou que sofrem de doenças degenerativas: um sistema que possibilita a criação de próteses controladas por sinais cerebrais. Apontado pela "Scientific American", como um dos 50 principais líderes da ciência do mundo, ele se considera apenas um cientista que acredita que a ciência tem um papel transformador.

Filho da escritora infanto-juvenil, Giselda Laporta Nicolelis, com quem deve ter aprendido a sonhar, ele tem permitido hoje que cerca de mil crianças possam fazer o mesmo, a partir do projeto do Instituto Internacional de Neurociência de Natal, que, além disso, tem tornado a cidade pólo de referência nas pesquisas em biotecnologia.

*Nicolelis recebeu a equipe do **Nominuto.com**, no final do expediente de sexta-feira (4), no Centro de Estudos e Pesquisa Prof. Cesar Timo-Iaria – IINN-ELS. Na entrevista, em determinado tempo interrompida por uma editora do The New York Times, que buscava informações sobre um experimento feito pelo cientista e que será divulgado só no próximo dia 15. O cientista falou sobre ciência, política, economia e até futebol.*

Ele revelou sua preocupação pelo fato de o país não ter uma visão estratégica de desenvolvimento e

disse que, na verdade o Brasil precisa de um “PAC Humano”. Elogiou o Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação e divulgou um projeto, que pretende implantar no Rio Grande do Norte, o qual consiste em construir escolas, ao lado de maternidades, para que toda criança possa ter um acompanhamento desde a gestação até o final do ensino médio. Com isso, ele acredita que o Estado poderá sair do último lugar no sistema educacional brasileiro para disputar com os melhores centros educacionais do país.



Nominuto.com- O senhor está na lista dos 100 cientistas brasileiros mais influentes, publicada, recentemente, pela revista Época, só que na categoria benfeitor. O senhor se considera um benfeitor?

Miguel Nicolelis - Não, eu sou e sempre fui um cientista. Eu não sabia dessa lista da Época, descobri agora, quando cheguei aqui. O que eu faço é tentar trazer a ciência para outra esfera, que além da ciência feita em laboratório, que eu faço também. Uma ciência que pode trazer um benefício mais amplo para a sociedade, como no caso do nosso projeto, para crianças e mães. A ciência tem um papel transformador muito grande e esse tipo de trabalho é importante também para mostrar o potencial dela como agente transformador.

NM- O senhor também já foi indicado como um dos 50 líderes mundiais da ciência pela revista “Scientific American” e preferiu utilizar essa influência para tornar realidade o sonho do Instituto Internacional de Neurociência de Natal, o primeiro dos 12 pólos científicos que o senhor pretende criar. Por que Natal? Quais as transformações que o senhor acredita que o IINN pode trazer para a cidade?

MN- A escolha foi para demonstrar a possibilidade de se construir um projeto desse porte fora do eixo Rio-São Paulo, do Sudeste, e demonstrar a potencialidade da região Nordeste para produzir ciência de alto nível e ciência que pode trazer transformação. E a escolha de Natal, que é uma cidade de médio porte, com uma estrutura estabelecida, uma Universidade Federal, a idéia é que poderíamos criar um projeto dessa envergadura. Nós já estamos investindo R\$ 80 milhões, provavelmente um dos maiores projetos do Nordeste, se não for um dos maiores do Brasil, e demonstrar que ele pode ter um impacto, tanto científico, mas também social e econômico. O científico nós já começamos, já estamos com trabalho pelo mundo afora, o social, nós já temos mil crianças sendo educadas. Educação científica, que é um dos maiores projetos do Brasil, se não for o maior. E o econômico é o próximo passo. Nós vamos criar um Parque Tecnológico aqui do lado do projeto, que permita que as idéias dos cientistas e

toda essa comunidade que nós trouxemos para cá possam trazer retornos econômicos para o Estado.

NM- Que tipo de retorno econômico esse projeto pode trazer para Natal?

MN- Se, de repente, Natal se transforma no pólo de referência mundial de neurotecnologia, várias empresas vão querer se localizar aqui, próximo ao Instituto. Elas vão empregar pessoas e pagar impostos, e essa arrecadação vai ser toda em benefício do Estado. A idéia é transformar o Estado, no futuro, em um arrecadador de divisas da indústria do conhecimento. E não só basear a economia em matérias-primas, frutas, camarão ou turismo, desse tipo que só chega no hotel e vai embora. Nós queremos agregar um valor às atividades econômicas, muito maior e de penetração no mercado mundial de biotecnologia, de uma forma concreta.

NM- A Zona de Processamento de Exportações (ZPE), especializada em produtos de tecnologia e biotecnologia, no aeroporto de São Gonçalo do Amarante, será importante para isso?

MN- Nós propusemos ao Governo do Estado uma parceria, para o Instituto fazer o desenho desse Parque Tecnológico, dentro dessa ZPE. Estamos esperando resposta para a gente ser o agente, fazer o desenho, essa arquitetura do que poderia ser feito dentro da Zona de Processamento e como a biotecnologia pode ser um componente tornar fundamental. E o curioso é que essa Zona é em Macaíba.

NM- Eles estão querendo transferi-la para São Gonçalo, em função do aeroporto.... mas que seria para biotecnologia.

MN- Essa foi a sugestão que a gente deu, não a transferência. Biotecnologia e basicamente tecnologia biomédica. Ter a ciência como foco. Mas, ainda assim, será fundamental.



NM- O IINN já atraiu a atenção do ministro da Educação Fernando Haddad e agora do governador da Bahia Jacques Wagner. Os dois anunciaram pque retendem criar projetos semelhantes. O senhor acha que o caminho do desenvolvimento da ciência é este? Que outras ações o senhor acredita que cabem aos governos fazerem?

MN- Eu acho que a primeira coisa que os governantes, os políticos brasileiros precisam é começarem ter uma visão estratégica do país. O problema nosso é que dado nossa história e toda nossa tradição cultural e econômica, pensa-se muito só no dia a dia, nos pequenos embates políticos do dia-a-dia e não se define uma visão estratégica de país. Eu acho que a ciência, o investimento científico e principalmente em educação científica, ele se insere na visão estratégica do que a gente quer fazer do Brasil e, em especial, do Nordeste. Eu acho que o Nordeste tem todas as condições de sediar o germens da indústria do conhecimento brasileiro. Nós já temos o Porto Digital, em Recife, o desenvolvimento pólo digital da universidade de Campina Grande, na Paraíba. Mas, o que eu acho é que essas atividades podem se multiplicar muito rapidamente, e o Instituto é um exemplo disso. Isso

aqui foi feito com uma equipe minúscula. A arrecadação desses recursos, que são, na maioria, privados, foi feita com o exercício de um. Ou seja, se nós tivéssemos comprometimento dos governos dos estados da região e um alinhamento com o governo federal, além de uma visão estratégica, que fosse superior a um mandato político, o Brasil tinha a chance de deslanchar. Essa é uma evolução difícil de acontecer rapidamente porque todo mundo quer tudo para ontem e o Brasil ainda não tem uma visão estratégica.

NM- O governo do RN anunciou para 2008 a construção da Cidade da Ciência, com estrutura de planetário, observatório, terraço astronômico, laboratórios, memorial, auditório e centro de convivência. O senhor aprova projetos como este?

MN- Eu não tenho o mínimo conhecimento de um projeto como esse. Ouvi pela imprensa, mas, eu nunca fui consultado. E acho até estranho porque essa não é uma Cidade da Ciência, é uma estrutura muito pequena, um investimento pequeno de cerca de R\$ 5 milhões ou R\$ 6 milhões. Nós temos uma verdadeira Cidade da Ciência, que se não formos fazê-la no Rio Grande do Norte, faremos em outro estado. Mas, como não conheço esse projeto, é até difícil comentar.



NM- Por falar em governo, o senhor tocou nessa questão de que o Brasil não tem uma visão estratégica. Como o senhor avalia o governo Lula, principalmente, para área da ciência?

MN- Eu acho que tem havido avanços muito importantes. Particularmente, o Ministério da Educação tem uma visão muito progressista, avança. O Plano de Desenvolvimento da Educação é uma grande mudança, eu espero que ele seja levado a termo, como o ministro Fernando Haddad planeja, porque eu li o projeto inteiro. Eu acredito que o maior investimento estratégico que o Brasil precisa fazer é na formação de gente. Nós precisamos de um grande PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) Humano. Acho que esse é o primeiro, mais importante do que qualquer porto ou rodovia. Nós precisamos formar gente, pensadores críticos; nós precisamos educar pessoas que queiram transformar o Brasil, para serem líderes do país que a gente quer construir e não para serem passivos.

O nosso sistema educacional educa as pessoas a decorar e responder o que o professor quer ouvir, não educa para desafiar o paradigma, o dogma, o poder constituído. Nós precisamos de sonhadores, um exército de milhões de crianças que queiram um país diferente, porque do jeito que está, não tem como ir. Precisa de mudanças estruturais fundamentais, mas precisa apostar nos jovens, naqueles que nem nasceram. Eu sempre falo isso. E a educação de alta qualidade para todas as crianças do Brasil, em busca de talento, incentivo ao trabalho criativo, ao trabalho que revoluciona, em qualquer área. É essa que tem que ser a nossa meta. Desafiar todos os tabus, os pensamentos corporativos, e estimular o talento. Essas mil crianças que estamos estimulando. Muito poucas pessoas acreditariam na Cidade da Esperança e, em Macaíba, em uma das piores escolas do país, conseguimos encontrar talento, porque só

precisa mostrar que elas são amadas, estimulá-las e mostrar que a escola não é um lugar que você vai passar quatro horas e ficar absolutamente desesperado para sair de lá. A escola tem que ser o lugar onde você quer estar o tempo inteiro.



NM- Agora, vamos às suas pesquisas. As pessoas não entendem muito bem como funciona o Instituto. Tem uma participação da Universidade? Como a sociedade participa?

MN- Nós temos um grande convênio com a Universidade Federal, mas, aqui não é a Universidade. No mundo inteiro, pesquisa não se faz só na Universidade. O Brasil é um dos poucos países do mundo em que as pessoas ficam assustadas quando ouvem que a pesquisa pode ser feita fora da Universidade, mas ela pode ser feita em colaboração. Então, nós temos uma colaboração. Os pesquisadores que nós temos são da Associação Alberto Santos Dumont para apoio à Pesquisa (AASDAP), que trabalham no Instituto de Neurociência. Nós temos estudantes que são da Universidade Federal, bolsistas do CNPq, que têm bolsa, mas que fazem pesquisa aqui. Porém, essa é uma entidade eminentemente privada, sem fins lucrativos, que tem uma parceria com a Universidade para construir uma infra-estrutura de pesquisa, onde, evidentemente, os pesquisadores da UFRN são muito bem-vindos. A população tem acesso via escolas, via nossa clínica materno infantil, que vai abrir no final de fevereiro, e também nós vamos ter escola regular de tempo integral, que espero começar com cerca de mil crianças (ela vai ter um total de cinco mil). Essa escola já tem recursos garantidos pelo Ministério da Educação, no valor de R\$ 42 milhões, que prevê a construção em 22 meses. Nós vamos começar e, espero que no final de 2009 ela possa estar funcionando.

Mas, eu também tenho uma vontade muito grande, e vou atrás de apoio para construir uma maternidade, porque aqui em Natal as mulheres não têm onde dar a luz por falta de leitos de maternidade. Então, o que eu quero é que a clínica acompanhe essas mães durante a gestação, que elas tenham a maternidade onde possam dar a luz e, naquele momento, aquelas crianças serão matriculadas na nossa escola regular. Ter uma bolsa para todas elas, estudo garantido, se passarem de ano, até o final do Ensino Médio. A nossa idéia é criar estruturas como esta por todo o Estado, se nós tivermos, evidentemente, o apoio do poder público porque sozinho não dá para resolver o problema do País inteiro. Mas, é um projeto que tem condições de tirar o Rio Grande do Norte do último lugar no sistema educacional brasileiro, para disputar com os melhores centros educacionais do país.

NM- O senhor é responsável pela descoberta de um sistema que possibilita controlar neuropróteses por meio de sinais cerebrais, o que é a esperança para pessoas que sofrem de deficiências físicas e doenças degenerativas. Como estão essas pesquisas? Elas já têm tido bons resultados com primatas? E quais as chances de funcionar com seres humanos?

MN- Estou muito otimista porque os últimos estudos nossos mostram bons resultados. Nós já temos, lá nos Estados Unidos, preliminares com 28 pacientes que nós não publicamos ainda, mas, a análise está revelando uma perspectiva muito boa. Nós firmamos uma parceria com a minha Universidade, de Duke, com o hospital Sírio Libanês, em São Paulo, e nós queremos agora, no final de 2008 e início de 2009, trazer os primeiros estudos em comparação com adultos. Nós já tivemos neurocirurgiões americanos que vieram para o Sírio e neurocirurgiões brasileiros que passaram um dia em Duke, vendo as cirurgias. E nós já temos uma equipe que vai estudar esse projeto clínico no final de 2008. A minha esperança é que o primeiro ser humano a ser beneficiado com essa tecnologia seja um

brasileiro.

NM- O senhor é um dos brasileiros mais cotados para ganhar o prêmio Nobel, mas já disse algumas vezes não se importar com isso. Qual seria o Nobel para você?

MN- Para mim, pessoalmente, seria ver essa rede de institutos funcionando no Brasil e um milhão de crianças participando dessa experiência educacional. Ver o Brasil finalmente encontrar o seu destino e ser o país que a gente sempre sonhou. E se eu puder, de alguma maneira, participar disso, não há prêmio Nobel que pague.

NM- Agora, vamos encerrar falando sobre uma das suas maiores paixões. O que o senhor está achando do futebol brasileiro? O que achou dos escândalos que envolveram o Corinthians, no ano passado? E, com Luxemburgo, o Palmeiras volta a ganhar um título, finalmente?

MN- O futebol é uma paixão de todos nós, mas ele é muito mal regido; o lado negro do futebol brasileiro é muito triste. Mas, isso não quer dizer que eu não tenha ficado absolutamente satisfeito, pois vou poder assistir ABC e Corinthians aqui, ou América/RN e Corinthians. Todos os corinthians da AASDAP vão receber tickets grátis, lá em São Paulo, para vir assistir o jogo aqui porque vai ser um grande clássico. Eu espero estar presente, torcendo para o ABC, apesar de meu time, aqui, ser o Alecrim. E o Palmeiras, é esse ano.